

Boa tarde a todos!

Agradeço a vossa presença (neste encontro de amigos) e agradeço, ao querido amigo Manel Maria, o convite feito para falar dos seus *VINTE SONETOS E OUTROS POEMAS*.

É uma coletânea de versos que refletem emoções, sonhos, desejos, inquietações, angústias, medos, experiências e in experiências... Em suma: tensões e uma firme necessidade de escrever.

O Manel Maria tem, a meu ver, duas grandes qualidades (entre tantas outras): é generoso e corajoso. Generoso, porque, a cada obra que publica, divide connosco a sua herança literária que nos torna pessoas muito mais ricas (Obrigada, Manel. Se o Ministério das Finanças sabe disso, faz-nos já pagar mais impostos). E corajoso, porque se dá a conhecer e dá a conhecer ao mundo, através das palavras, tantas singularidades vividas ou imaginadas, que muitos de nós não se atrevem sequer a trazer à luz do dia.

Passo à minha proposta para hoje: vamos tentar embarcar nesta viagem de emoções através das palavras do Manel, na partilha de leituras que, entre a forma perfeita da literatura (o soneto decassilábico das duas quadras e dois tercetos italianizantes) e a naturalidade versificatória da poesia moderna, ganham vozes, ritmos e sonoridades, agora de outras (co)autorias: as dos leitores.

Começo pelo poema da página 84 (1 - leitura do poema)

À luz ténue do silêncio,
procuro refúgio no tempo que se apagou:
uma caverna de tempo e mil palavras por contar...
Que razão louca me impele para ti,
tormento do sublime?!
Oh vontade indómita de escrever!...
Um só verso me invada com tua chama
e se dilua a angústia de te perder.
Oh suprema magia!... Oh lírica voz!...
Tu és o meu fado!... Tu és a minha cruz!...

Este poema espelha, a meu ver, tudo aquilo que marca a escrita / vida deste sujeito poético: a busca, a vontade, a angústia, a magia, o destino. Tudo ligado às palavras, a essa força que dá vida à escrita. O ato de escrever domina o escritor; exerce sobre ele uma dualidade aparentemente contraditória e dolorosa, mas que se complementa ("és a minha cruz", mas também "a luz" e, sem fuga possível, já que, citando, "tu és o meu fado"). A corroborar tudo isto estão as marcas das interjeições, das exclamações, desses sinais de intensidade que nos transportam ao nível do "sublime", do transcendente, da ânsia de libertação.

Assim, para mim, o sujeito poético desvela-se, des[venda] como a sua vida se (re)constrói com as palavras, as que estão por escrever, as procuradas, as desejadas; daí, a entrega, a necessidade, da escrita - também a odiando, sendo torturado por ela. A tensão é inevitável: ir ao seu encontro, mas também querer fugir-lhe.

Não pode! Ainda tem, citando, “mil palavras por contar...”

Dito isto, as palavras não podem abandonar o poeta... **(2 – Leitura do poema da página 62 “Pobre poeta quando as palavras o abandonam.” – Clementina de Sousa)**

Pobre poeta quando as palavras o abandonam.
Com pena, o punho apenas lacera o poema
que gostava de ver gravado com pontas de fogo.
Nada resta – apenas o desassossego da solidão
que teima em não abandonar.
A chama é já mortíça
e apaga-se na cinza de palavras nunca ditas.
E a luz perde-se na imensidão do mar
que afoga a mais indelével vontade.
Porquê teimar contra a onda por salgar?
Houvesse ao menos um polvilho de sal
que espalhasse brancura nesta mancha de papel...
Ó poeta, eras tu a ressuscitar!

Pois é,... Nem tudo são rosas, sobretudo se as palavras abandonarem o poeta... Mas, porque a vida é assim mesmo, “Não há mal que sempre dure, nem bem que não se acabe”. Nada como **“Duas flores num jardim de primavera” (3 – Leitura do poema da página 72 – Maria Dolores Garrido)**

Entraste com teus pés de algodão
suave sobre a rama do silêncio.
A sala do sossego: agora a presença tímida e ousada
da criança que experimenta a resposta do adulto.
A tua carita dizia mais que todas as palavras.
Infantil, muito querida, de cabelos atirados para trás,
reviraste os olhitos e, serena, perguntaste:
“Pai, achas que estou bonita?”
E o teu pai, mais que responder-te,
queria abraçar-te muito.
“Pai, esta flor é para ti.”
Naquele instante, não sabia o que era mais bonito:
se a camélia... se a tua carita... se as tuas palavras...
“Pai, esta flor é para ti.”
E o teu pai recebeu a flor
e colou um beijinho na conchilinha da tua mão.
“Obrigado, filha. És muito bonita
e eu gosto muito desta flor.”

Ai, os filhos (a filha) que nos fazem tão felizes (e os netos também).

(4 – Leitura do poema da página 73 - “parte inteira de meu ser” - João, neto do Manel)

Parte inteira de meu ser,
meus olhos foram fontes,
e as lágrimas – estrelas cadentes –
estrelajaram de contentes
na expressão única de ser feliz:
um poema escrito para a minha filha.

Mas já reza a história que o amor é caleidoscópico: nem sempre tem as cores da felicidade. É o exemplo dessa mulher que, vivendo-o, não pôde cumprir a felicidade plena de quem ama, de quem sente um “puro amor”.

(5 – Leitura do poema da página 28 – Dulce Raquel Neves)

Castro

Rainha por amor depois de morta,
Foi teu fado cruel, ó linda Inês.
Algoz sem coração foi o que fez
Bater o negro luto à tua porta.

Derramou Pedro, rei de teu destino,
Lágrimas que o Mondego engrossou.
Pilatos foi Afonso que endossou
Sentença tão atroz — que desatino!

Teus filhos te perderam em tenra idade:
Órfãos de amparo, órfãos de ternura,
Que os não salvou o avô da crueldade.

Rosa encarnada, pérola a mais pura,
Não mataram teu mito, que és deidade,
Castro, do casto amor que o tempo apura.

O Amor é um tema recorrente da poesia, desde os tempos medievais. Entre as cantigas de amor, de amigo (com ou sem ele) e as de escárnio e/ou as de maldizer (muitas vezes parecendo mais duas faces de uma só moeda, em registo satírico e irónico), o amor é sentimento protagonista. Mais desejado, mais rejeitado, mais vivido, mais sonhado, na versatilidade da sua dimensão mais física ou espiritual, ... **é apenas amor.**

(6 – Leitura do poema da página 65, “Caminho suavemente na profundidade do teu sono” – Isaura Afonseca)

Caminho suavemente na profundidade do teu sono
e baloiço nele o amor num poema para ti.
Num poema...
Como gostaria que fosse um poema a transbordar de amor...
A transbordar de amor em cada verso que escrevesse...
Um poema que tivesse um número infinito de versos
e que todos eles transbordassem de amor por dentro.
Não me cansaria nunca de os contar,
senão quando o amor espalhado em cada verso
me adormecesse na hipnose de um sonho...
De um sonho como aquele de que nasceu a flor
que é o nosso amor mais pequenino.
Queria que fosse um poema tão belo
como as flores das magnólias que desabrocham,
e que te lembrasses do poema
sempre que olhasses as magnólias...
As flores são tão belas e tão curta é a vida...
Que importa, se o gérmen do que é belo baloiça no infinito...
Caminho suavemente no poema do teu sono
e o amor com que termino é o mesmo com que comecei:
é apenas amor.

Veja-se o motivo da escrita; encontre-se aqui o sentido da vida. A comunhão possível acontece quando o Amor é partilhado.

(7 – Leitura do poema da página 39, “Os lábios sorriram” – Maria Cecília Santos)

Os lábios sorriram
e os olhos luziram
com emocionada alegria.

Extasiados
rasgaram a densa neblina
das frias madrugadas.

Voaram para o único sonho
de duas vontades aladas.

Esta viagem de leituras não pode terminar sem o registo de dissonâncias que a poesia também tem. Por isso, se mencionam tensões, jogos de contrários que se complementam no poder transfigurador que a mente humana tem, e que se reflete no tempo da vida, na construção que de tempo se faz e de arte também tem.

(8 - Leitura e comentários do Vítor Oliveira)

Há tantas coisas tristes ao redor de mim
e eu finjo não saber porque estou triste...

Ingratidão

Por entre um turbilhão de sentimentos
Alucinados, não sei o que sinto
Ou o que mais magoa: labirinto
Fatal de tormentosos pensamentos.

À deriva com meus constrangimentos,
Afogo a mágoa em travor d'absinto:
Tolda-me a névoa dum tal tempo extinto,
Troveja a alma com aviltamentos.

Exaurido do sonho inacabado,
Rebelei-me, gritando em alto brado
Contra o caminho errado da ambição.

Não fui ouvido, não. Que pouco siso!
Agora, o esgar de meu sorriso,
Infeliz por tamanha ingratidão.

Final: Cumprida a viagem pelos versos do Manel, convoco a generosidade que ele tem para esta apresentação da sua obra e para as leituras que dela se fizeram. Se não tiverem sido as vozes que ele ouviu na criação, talvez esteja a sentir a inquietação que um autor tem ao partilhar a obra criada. Também Sophia de Mello Breyner Andresen a experienciou por certo quando deu a ler:

(in "Epidauro 62" de *Ilhas*, 1989):

*Oiço a voz subir os últimos degraus
Oiço a palavra alada impessoal
Que reconheço por não ser já minha*

Amor – Tempo – Arte: eis as linhas com que o sujeito poético (também o poeta,... também o Manel) se ATA(M), na multiconfiguração e plurivalência do amor; na inexorável, mas profícua passagem do tempo; na exploração e na entrega à arte (da palavra alada).

Assim se cumpra o destino.

Mantém, Manel, a coragem de escrever e não deixes a generosidade que te marca. No percurso que fazes, por mais que a tensão surja, haverá sempre um Fio de Ariadne que te permitirá o reencontro com a ESCRITA, ora em prosa ora em verso.

Muito obrigada, Manel e a todos os que viveram este momento, acima de tudo, de partilha poética.

31/05/2025
Ana Maria Cardoso